



**PENELA**  
Primeiro grupo de refugiados da Síria e do Sudão chegou à vila

P. 6



**SINTRA A VILA ROMÂNTICA**  
A escassos quilómetros de Lisboa descubra uma Vila única no mundo

P. 10

**PELO MUNDO**  
Lusodescendente de Toronto galardoada por mérito académico  
Ana Sofia Silva restaura instrumentos antigos nos Estados Unidos

P. 13 e 14

# 70% dos nossos 'cérebros' que emigraram já não irão regressar

**LACTOVIL**  
P. 8-9

Há mais de 40 anos a produzir queijo cada vez mais apreciado

Constituída em 1973 e implantada em Trancoso, a cerca de 10 quilómetros da via rápida A25 - Aveiro/Vilar Formoso, a Lactovil tem aumentado a sua quota de produção de laticínios e seus derivados e a exportação muito tem contribuído para isso, como revelou Pedro Pinto, sócio gerente da empresa.



**MOTOCICLISMO**  
P. 30

**Miguel Oliveira sagrou-se Vice-Campeão Mundial da modalidade**



**JOSÉ SANTOS**  
**DA UNIVERSIDADE DE AVEIRO**  
P. 18

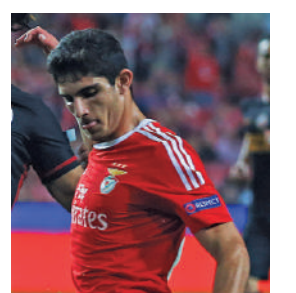
Investigador cria sistema que alerta unidades médicas em caso de acidente em motociclos



**SELEÇÃO PORTUGUESA**  
**JOGA A 14 E 17 DE NOVEMBRO**

Gonçalo Guedes é a grande novidade para os jogos com a Rússia e o Luxemburgo

P. 28 e 29



Uma vez mais, os portugueses colocam a EDP no topo das suas marcas preferidas.



Obrigada a todos os clientes, colaboradores e investidores que fazem da EDP uma marca global, inovadora e sustentável: Uma Superbrand.

www.edp.pt



ATÉ 2014 PORTUGAL VIU PARTIR 185.853 PESSOAS ALTAMENTE QUALIFICADAS NUM ÊXODO QUE REPRESENTA UMA PERDA DE 8,9 MIL MILHÕES DE EUROS

# Quase 70% dos graduados que emigraram não vai regressar

Afonso Marques é licenciado em Engenharia Eletrónica e Telecomunicações, tem um MBA e emigrou para o Reino Unido há dois anos. “Fui obrigado”, afirmou no questionário enviado aos investigadores que realizaram um estudo sobre o êxodo de portugueses altamente qualificados. «Brain Drain and Academic Mobility from Portugal to Europe» (Êxodo de Competência e a Mobilidade Académica de Portugal para a Europa) foi idealizado e coordenado por Rui Gomes e reuniu uma equipa de cientistas de universidades de Coimbra, Porto e Lisboa. E pode dizer-se que as conclusões são dramáticas. Até 2014, o país perdeu 185.853 cidadãos com licenciaturas, mestrados, doutoramentos, pós-graduações. Na maior parte dos casos não saíram por vontade própria, mas ‘empurrados’ por vários fatores, principalmente económicos, que geraram esta ‘fuga de cérebros’. E a maioria, não vai voltar a Portugal...

Ana Grácio Pinto

A maior parte dos emigrantes portugueses altamente qualificados (licenciados, mestrados, doutorados e pós-graduados) projeta-se numa emigração para toda a vida, seja no país onde atualmente reside (61,7%) ou noutros países europeus (68,9%). Esta é uma das principais conclusões do estudo BRADRAMO - Brain Drain and Academic Mobility from Portugal to Europe” (Êxodo de Competência e a Mobilidade Académica de Portugal para a Europa), idealizado e coordenado por Rui Gomes, investigador do Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra. Apoiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, o projeto envolveu um grupo de investigadores do Instituto de Sociologia, Centro de Investigação e Intervenção Educativas, Centro de Investigação do Desporto e da Atividade Física e da Unidade de Investigação e Desenvolvimento em Educação e Formação.

Os investigadores quiseram perceber e analisar a emigração qualificada de Portugal, a chamada ‘fuga de cérebros’, que tem aumentado significativamente nos últimos anos. “Em 2011, para cada 100 emigrantes, 11 eram qualificados, o que significa 11%. Mas se olharmos apenas para os dois mais importantes países

receptores da emigração qualificada portuguesa - Reino Unido e Alemanha - essa percentagem sobe para 21% da totalidade da emigração. Quando houver o Censo de 2021, a minha expectativa é que haja uma enorme surpresa e que verifiquemos que, da totalidade da emigração, estaremos na faixa dos 20% de emigração qualificada. É uma percentagem assustadora e brutal”, revela Rui Gomes, numa entrevista ao *Mundo Português*.

Para além de uma análise profunda e de uma investigação extensa para perceber os fatores que levaram à emigração de ‘cérebros’ nacionais, o estudo baseou-se também num questionário enviado entre maio e outubro de 2014, a cerca de 1700 destes emigrantes, tendo sido validados 1.011 questionários. Foram as respostas recebidas que permitiram perceber as suas motivações, o tempo que pretendem ficar fora, o que os levou a deixar o país. Uma decisão que para a grande maioria, teve uma profunda carga dramática e emocional.

Afonso Marques foi um dos entrevistados. É licenciado em Engenharia Eletrónica e Telecomunicações, tem um MBA em Marketing e Direção Comercial e emigrou para o Rei-

no Unido há dois anos. “Fui obrigado”, afirmou no questionário. “Adoro o meu país. Para trás ficaram a minha filha, a minha mulher, os meus pais, a minha família, os meus amigos, a minha rua, os cheiros, os sabores, a terra, o tempo, as pessoas”, lamentou. Afonso Marques explica que, em Portugal, ainda tentou dar formação, mesmo a recibos verdes, mas com a crise “lá se foram as formações”. “Os empregos eram sempre qualquer coisa não de eletrónica mas com alguma coisa de eletrónica, por isso realização profissional é coisa que nunca tive” contou. Restou-lhe sair do país para conseguir trabalhar na área para a qual se formou. “Arranjei no Reino Unido (RU) a posição de Responsável Técnico de uma empresa de eletrónica e a ganhar o suficiente para pagar as minhas contas de Portugal, as minhas contas no RU, vir a casa quase todos os fins-de-semana, e já pude voltar a fazer férias”, explicou.

**REINO UNIDO É PRINCIPAL DESTINO**

É no Reino Unido que reside a maior parte dos ‘cérebros’ portugueses (26,7%), seguido de Alemanha (9,6%), França (8,9%) e Bélgica (5,5%), entre outros países, como revela o estudo. Curiosamente, a maioria é do sexo feminino (54,2%) e, do ponto de vista etário, percebe-se que entre os emigrantes qualificados predominam os que têm entre 30 e 39 anos (54%), enquanto 35,6% têm até 29 anos. Apenas 10,4% tem mais de 39 anos.

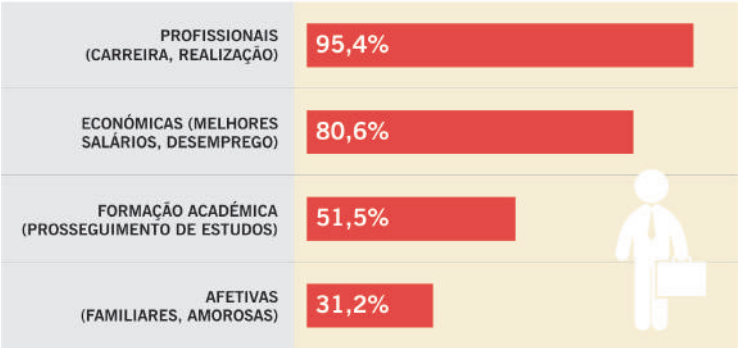
Quanto às habilitações, um grande número tem um mestrado (43%). Licenciados são 25,4% dos inquiridos, enquanto 22,3% tem um doutoramento e 9,2% concluiu uma pós-graduação. Segundo o estudo, em Portugal 30,6% dos inquiridos estavam desempregados e 10,2% em situação de subemprego (a receber apenas até 500 euros de salário), enquanto 32,5% recebia um salário entre 501 e 1000 euros e 15,8% tinha um vencimento entre 1001 e 1500 euros. Apenas 6,8% dos inquiridos auferia entre 1501 e 2000 mil euros. Uma realidade que mudou exponen-

cialmente nos países para onde foram viver e trabalhar: 26,5% recebe mais de 3000 euros líquidos, 18,9% entre 1501 e 2000 euros, 17,2% tem um vencimento entre 2001 e 2500 euros, 14,4% recebe entre 1001 e 1500 euros e 11,1% tem um salário entre 2501 e 3000 euros.

Mas tão importante quanto o vencimento salarial, é a satisfação profissional. Nos países onde residiam por altura do questionário,

tugueses altamente qualificados. Os 68,9% que afirmaram ter saído definitivamente ou por um prazo muito longo (que pode corresponder ao período de trabalho até à reforma) representam uma perda definitiva de seis mil milhões de euros. A esta verba, juntam-se 2,9 mil milhões que os investigadores consideraram “perda parcial” que depende, entre outros fatores, do número de anos passados na emigração.

## RAZÕES PARA A EMIGRAÇÃO



Infografia: Mundo Português • Fonte: Bradramo

75,1% exercia uma profissão compatível com a sua formação e 9,1% tinha mesmo um trabalho mais exigente do que a sua formação.

Na sua maioria, os ‘cérebros’ que Portugal perde estão concentrados nas áreas de ciências, matemática e informática (35,2%), engenharias, indústria transformadora e construção (19,4%), ciências sociais, comércio e direito (18,5%). Há ainda profissionais das áreas de saúde e proteção social (10,3%) e artes e humanidades (8,5%).

A necessidade de realização profissional e progressão na carreira (95,4%) e a procura de melhores salários e o desemprego (80,6%) foram as razões mais apontadas pelos inquiridos para emigrarem, e mais de metade teve em conta a estabilidade dos sistemas de proteção social nos países de destino (61%) e a austeridade vivida em Portugal (58,5%), ao decidir emigrar.

**QUANTO PERDE PORTUGAL? 8,9 MIL MILHÕES**

O estudo BRADRAMO quantificou também quanto perde o país em euros, com a emigração destes por-

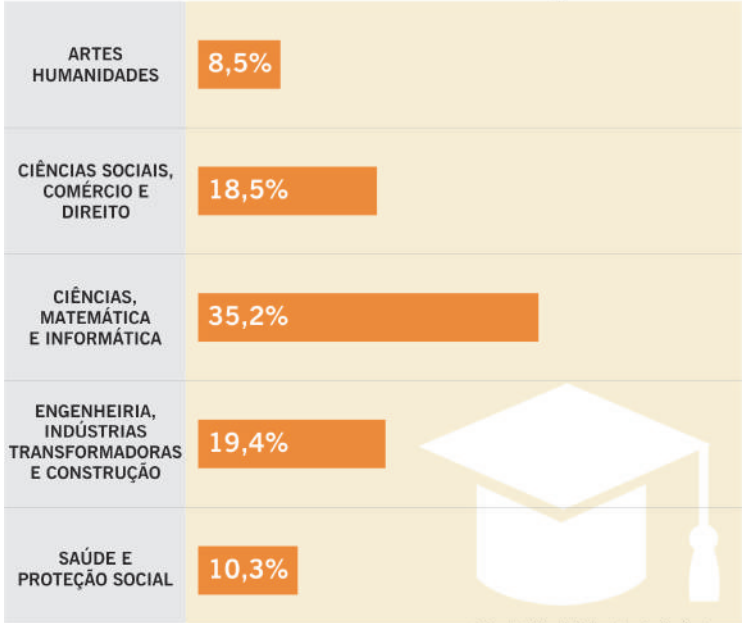
Valores que se referem não só ao investimento feito pelo país na educação superior destes portugueses, mas ainda os impostos não cobrados pelas Finanças e as contribuições para a Segurança Social, que não serão feitas no seu país de origem ao longo dos anos de trabalho.

Quem lucra, no fim as contas, são os países que recebem estes portugueses qualificados “a custo zero”, já que não investiram na sua formação, como sublinha Rui Gomes.

Isto sem esquecer que as competências adquiridas em Portugal, vão ser desenvolvidas fora. “Se estes 68,9% que dizem que não voltarão, realmente não voltarem, são 68,9% dos emigrantes qualificados que não trabalharão durante 40 anos para o desenvolvimento de Portugal”, alerta Rui Gomes.

O estudo deu ainda origem ao livro «Fuga de Cérebros - Retratos da Emigração Portuguesa Qualificada», que reúne percursos de emigração vividos por 20 dos 1.011 emigrantes qualificados que participaram no estudo. Os restantes retratos sociológicos podem ser consultados em [www.bradramo.pt](http://www.bradramo.pt)

## ÁREA CIENTÍFICA DE FORMAÇÃO



Infografia: Mundo Português • Fonte: Bradramo

RUI GOMES IDEALIZADOR E COORDENADOR DO ESTUDO BRADRAMO

# “Dizem sempre ‘Portugal não nos aproveitou, eu queria ficar lá’”



Aponte o seu telemóvel ou tablet para aceder a conteúdos multimédia exclusivos. Veja o vídeo com destaques desta entrevista

Até 2001, estavam emigrados 77.790 portugueses com qualificações académicas superiores (licenciatura, mestrado, doutoramento, pós-graduação). Entre 2001 e 2011 este número subiu para 145.853 e em apenas três anos - entre 2012 e 2014 - saíram de Portugal mais 40 mil pessoas altamente qualificadas, revela o «Êxodo de Competência e a Mobilidade Académica de Portugal para a Europa». Nesta entrevista ao *Mundo Português*, Rui Gomes, sublinha que se trata de “trabalhadores muito qualificados, de onde poderiam vir as fontes de inovação nas empresas, na cultura, na administração pública, etc”, e que não vão estar presentes no desenvolvimento do país e até na constituição de empresas. “Alguns deles vão tornar-se empresários fora do país”, acrescenta o investigador, lamentando que “tudo isso” seja “uma enorme perda” para Portugal.



**No estudo, apresentam os dois modelos de análise da emigração: êxodo e diáspora. O primeiro pressupõe uma saída forçada, e o segundo indica mais uma circulação e o vislumbre do regresso. No caso dos portugueses altamente qualificados que emigram, Portugal está perante uma perda provavelmente definitiva dessas pessoas?**

A ideia do êxodo é que os países emissores perdem e os países receptores ganham definitivamente. Existe uma perda dos países menos desenvolvidos em favor dos países mais desenvolvidos. Neste caso, estamos mesmo perante um êxodo. Portugal perde mesmo essas pessoas.

É evidente que temos que prosseguir o estudo e tencionamos fazê-lo nos próximos cinco anos, para verificarmos se as expectativas que tinham no momento do estudo se vão manter nos anos subsequentes, porque sabemos que existem muitos factores que podem intervir.

Queremos prosseguir o estudo

com as mesmas pessoas, e é a primeira vez que isso se fará a nível mundial. Para daqui a cinco anos percebermos, desde já, a própria mobilidade destes entrevistados.

Por exemplo, neste momento, uma parte importante dos entrevistados já não está no mesmo emprego.

**Quanto inquéritos foram enviados?**

Temos quase 1700 inquéritos, mas foram validados 1011, porque houve inquéritos em que as pessoas não responderam uma pergunta e só validamos questionários totalmente respondidos. É uma amostra muito grande e muito boa. Estes emigrantes qualificados procuraram-nos depois de uma divulgação que fizemos (do estudo) em diferentes vias, como associações e ordens profissionais, associações de graduados na emigração particularmente a PARSUK (Reino Unido), a ASPPA (Alemanha) e a AGRAF (França), redes sociais e su-

jeitos individuais que já conhecíamos a partir de bases de dados do Programa Erasmus.

Presumíamos desde o início que a mobilidade académica era um fator importante e que haveria muitos que teriam feito programas de mobilidade (como o Erasmus) e tinham entrado num processo profissional na emigração, o que se veio a confirmar. Depois temos outros três grandes grupos de emigração: a transitória e pendular, daqueles que vão e vêm porque são as próprias empresas que os colocam fora; o grupo dos académicos e cientistas; e o grupo da emigração de longo prazo, com inserções no mercado de trabalho equivalentes. A avaliação que os emigrantes qualificados fazem no questionário, é a de que estão a trabalhar numa zona do mercado que corresponde à sua qualificação, ou acima da sua qualificação.

**O estudo refere que, também em relação aos emigrantes qualificados, mantém-se a tendência de uma emigração maioritariamente Europeia. É interessante ainda a informação de que 46% dos inquiridos tem pelo menos uma experiência de emigração na família e, dentre esses, 37,7% tem uma experiência próxima (pais, irmãos)...**

Em relação aos que têm experiência migratória familiar, há um nível muito elevado: chega quase aos 50%. A percepção dos inquiridos é que este fator não teve grande influência na sua decisão de emigrar. Mas temos o nosso plano de interpretação dos dados e das entrevistas e pressentimos que para as pessoas que têm casos próxi-

mos de emigração na família, a decisão de emigrar é bastante menos dramática, porque existe uma experiência anterior, normalmente positiva. Para quem não tem essa experiência, a rotura emocional é mais visível.

**Disse já que estes emigrantes qualificados também não se assumem como ‘emigrantes’. Mas é isso que eles são...**

É sobretudo uma questão de natureza simbólica. O que surge em primeiro plano é a ideia de serem cidadãos do mundo e depois a de estarem em mobilidade. É quase como se a Europa fosse uma casa comum. Aliás, um dos entrevistados tem uma frase interessante que expressa bem esta ideia: “Assim como os meus avós saíram de uma aldeia do Minho para a grande cidade, que era Braga, eu também vim para a ‘grande’ cidade: saí de Lisboa e vim para Londres”. A percepção que ele tem é que a mobilidade que fez é parecida com a dos avós. Ele até demora menos tempo a chegar a Londres do que os avós demoraram a chegar a Braga.

Esta cultura que podemos designar de ‘Geração Europa’ cria uma enorme liberdade neste processo de decisão, com mais ou menos dramatismo. As pessoas têm sempre uma grande amargura relacionada com o processo de emigração, mas também uma enorme liberdade. Há aqui uma dualidade: a liberdade leva-os a tomar conta do seu destino, mas porque sentiam que em Portugal não o tinham nas suas mãos, porque não controlavam a evolução na carreira profissional, porque os seus rendimen-

**“Este projeto tem uma raiz biográfica também forte.**

**O meu filho mais velho emigrou. Uns meses antes de eu tomar a decisão de fazer o estudo, ele partiu para Londres, onde ainda permanece, onde casou. Está lá quase há cinco anos e é daqueles que não vai regressar”**

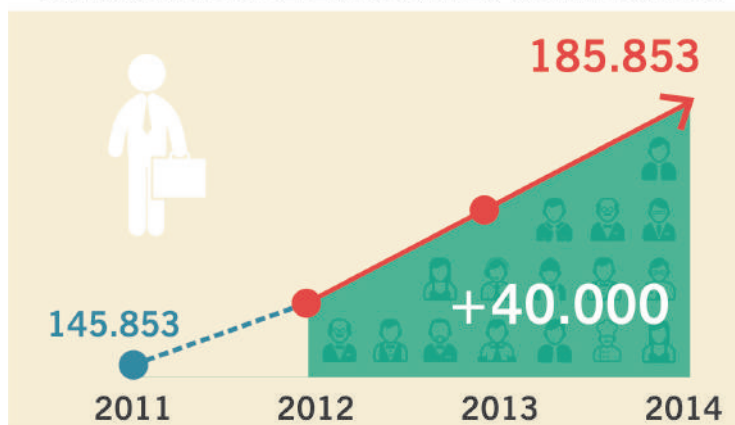
tos já estavam a entrar num ponto de bloqueio, ou porque não conseguiram entrar num mercado de trabalho suficientemente estimulante. Eles foram formados numa lógica de inovação, de desenvolvimento tecnológico e não sentiam nas empresas portuguesas a capacidade de aproveitar esses conhecimentos. E a contradição entre expectativas criadas pela formação académica e a capacidade das empresas ou da administração pública responder a essa ambição, tornou inevitável este processo de emigração. E há, sobretudo, uma amargura. Nunca condescendem com a situação económica e de organização das empresas, que os levou à emigração. Ou seja, dizem sempre ‘Portugal não nos aproveitou, eu queria ficar lá’, ninguém diz ‘eu queria sair desde sempre’. Uns tiveram uma desvalorização enorme, no momento da crise, outros presenciam-na, anteciparam-na.

**O que o levou a fazer este estudo?**

Este projeto tem uma raiz biográfica também forte. O meu filho mais velho emigrou.

Continua na pág. 04

## CRESCIMENTO DE EMIGRANTES QUALIFICADOS



Infografia: Mundo Português • Fonte: Bradramo



Uns meses antes de eu tomar a decisão de fazer o estudo, ele partiu para Londres, onde ainda permanece, onde casou. Está lá quase há cinco anos e é daqueles que não vai regressar. Aqui estava num centro de inovação e desenvolvimento tecnológico dos mais importantes do país, ligado à engenharia de software, e pressentiu que tinha chegado a uma altura de 'bloqueio' e que a partir dali já não progredia mais. Decidiu partir em busca de desafios profissionais. E essa foi uma questão fundamental que deteta-mos neste estudo.

No fundo, esta emigração segue a mesma lógica da emigração tradicional: 'follow the money' ('siga o dinheiro'), seguem para onde estão os recursos. Isso é que é grave: esta organização europeia de circulação de pessoas que segue a mesma lógica desequilibrada e assimétrica da circulação de capitais. Ou seja, há uma concentração económica nos países centrais e os recursos humanos estão também a deslocar-se para lá, e são usados por esses países como uma espécie de reserva. Portugal, Espanha, Itália, Grécia, mais a Irlanda e também a Polónia, são os seis países emissores que funcionam como uma reserva. Os alemães precisam de engenheiros, vêm buscá-los aos países do Sul (da Europa). Existem programas de recrutamento de engenheiros nos países do Sul.

**O estudo revela que em três anos, entre 2012 e 2014, Portugal per-**

**"A contradição entre expectativas criadas pela formação académica e a capacidade das empresas ou da administração pública responder a essa ambição, tornou inevitável este processo de emigração. E há, sobretudo, uma amargura. Nunca condescendem com a situação económica e de organização das empresas, que os levou à emigração. Ou seja, dizem sempre 'Portugal não nos aproveitou, eu queria ficar lá', ninguém diz 'eu queria sair desde sempre'.**

**deu 40 mil portugueses qualificados para a emigração. Isto significa que, por mês, uma média de 1.111 pessoas com nível de ensino superior saíram de Portugal...**

É realmente muita gente e este é um cálculo 'conservador'. Como não temos dados fiáveis para o período de 2012/2014, este é um cálculo feito a partir da taxa de emigrantes qualificados, detetada no Censo de 2011. Ou seja, em 2011, para cada 100 emigrantes, 11 eram qualificados, o que significa 11%. Mas se olharmos apenas para os dois mais importantes países receptores da emigração qualificada portuguesa - Reino Unido e Alemanha - essa percentagem sobe para 21% da totalidade da emigração. Quando houver o Censo de 2021, a minha expectativa é que haja uma enorme surpresa e que verifiquemos que, da totalidade da emigração, estaremos na faixa dos 20% de emigração qualificada. É uma percentagem assustadora e brutal.

Por outro lado, vemos que a circulação dos países do Norte para o Sul, particularmente nas áreas académicas científicas e de engenharia, é apenas transitória: participam em equipas de 'ponta' nos países do Sul, recolhem muito conhecimento e às vezes tecnologia que foi ali desenvolvida e depois regressam ao seu país de origem. E o que acontece é um saldo muitíssimo negativo entre aqueles que saem e os que entram.

**E está em causa a saída de qualificados, com formação e experiência em áreas 'chave' para o país: ciências, informática, engenharias, saúde.**

Sim, e não podemos desvalorizar as áreas culturais. Como é que este país, sem o jovens, vai manter características de agregação identitária que tradicionalmente sempre teve? Desde logo porque vai 'escavar' a crise demográfica. Só veremos o impacto desta emigração daqui a alguns anos, quando olharmos para os números demográficos, porque estes emigrantes estão em idade de ter filhos, ainda que seja só um. E há outro fator importante: a reprodução do investimento feito em educação, que se perde durante 40 anos. Se estes

68% que dizem que não voltarão, realmente não voltarem, são 68% dos emigrantes qualificados que não trabalharão durante 40 anos para o desenvolvimento de Portugal (68,9% dos inquiridos vê-se numa emigração para toda a vida noutros países europeus).

**Uma das questões que o estudo levantou foi o custo financeiro para o país deste êxodo de 'cérebros', na maior parte dos casos, uma saída definitiva. Contabilizou-o em 8,9 mil milhões, dos quais seis mil milhões serão de perda definitiva (relativos aos 68,9% que não pretendem regressar).**

Assumindo que estes 68,9% não regressam, isso corresponde a uma perda desses custos de investimento em educação.

**Este é realmente um valor considerável. Mas um fator mais importante do que este custo financeiro, não será a perda de capital humano, para as empresas e para o país?**

Esse é muitíssimo mais importante. São os tais 40 anos. São pessoas que seriam trabalhadores muito qualificados, de onde poderiam vir as fontes de inovação nas empresas, na cultura, na administração pública, etc. E não vão estar presentes nesse processo de desenvolvimento, na constituição de empresas. Alguns deles vão tornar-se empresários fora do país, assim como aconteceu com a emigração menos qualificada do passado.

O que verificamos é que são pessoas genericamente bem sucedidas, têm percursos muito rápidos de progressão, por exemplo, na carreira científica. Encontramos várias pessoas que em Portugal não conseguiram sequer obter uma bolsa (de estudos) para fazerem o seu doutoramento, no entanto, hoje estão no Imperial College London, no Collège de France, em sítios de 'ponta' a revelar o seu valor. São talentos que se perdem pela pequenez do sistema científico nacional, pela incapacidade de perceber o desenvolvimento das carreiras. E tudo isso, é uma enorme perda.

**E o sistema de ensino português é tão bom que estes países recetores querem os nossos 'cérebros'...**

O indicador mais usado na Europa para ser ver o aumento das qualificações superiores nos países, é a graduação (licenciados, mestres e doutores) entre os 30 e os 34 anos. Até 2020 o objetivo europeu é obter 40% nessa fatia de idades. Nós estamos à beira dos 30%, neste momento. Estamos muito longe, não vamos lá chegar (aos 40%) quando a maior parte dos países europeus já chegaram. Isto quer dizer que não temos formação a mais. Não há emigração por termos formação a mais, continuamos a ter formação de menos. Nem é um problema de desadequação entre o tipo de formações e o mercado de trabalho. O problema é que a economia não acompanhou a produção de 'cérebros', de qualificações no país.

**Cerca de 95% dos inquiridos referiram razões profissionais para emigrar, uma percentagem um pouco acima das razões financeiras, apontadas por 80%...**

Mas estas duas razões estão muito juntas. Quando observamos o salário médio que tinham em Portugal as pessoas que responderam ao questionário, vemos que boa parte deles estava no desemprego, outros tinham um emprego ocasional e os que estavam a trabalhar, recebiam, na maior parte, salários entre 500 e 1000 euros. Nós não podemos dizer que há razões profissionais por um lado e razões económicas por outro, porque são as mesmas pessoas que assinalam as duas razões.

**Os quase três anos de elaboração do estudo e os inquéritos respondidos, permitiram a si e à equipa que liderou, terem um conhecimento aprofundado desta problemática. Se pudesse apontar aos governantes medidas para que esta 'fuga de cérebros' não continue, quais acham que deveriam ser tomadas?**

Os cientistas sociais não gostam de apresentar aos políticos medidas, desde logo porque analisamos a realidade e tentamos encontrar o que produziu essa realidade. O que sabemos é que esta realidade foi criada pela desvalorização dos diplomas; pela desvalorização da mão-de-obra qualificada em geral, com pressão sobre os

**"Em 2011, para cada 100 emigrantes, 11 eram qualificados, o que significa 11%. Mas se olharmos apenas para os dois mais importantes países receptores da emigração qualificada portuguesa - Reino Unido e Alemanha - essa percentagem sobe para 21% da totalidade da emigração. Quando houver o Censo de 2021, a minha expectativa é que haja uma enorme surpresa e que verifiquemos que, da totalidade da emigração, estaremos na faixa dos 20% de emigração qualificada. É uma percentagem assustadora e brutal"**

salários; por um problema histórico de falta de qualificação dos empresários portugueses que arrasta uma certa incapacidade de inovação e organização das empresas, privadas e públicas, de modo a promover o conhecimento dentro dessas organizações. Um número muito reduzido de qualificações mais elevadas, como doutoramentos, é absorvido pelas empresas portuguesas. Estes são três fatores muito importantes. Se fizermos o contrário disto...

Não é possível continuar a pensar num país que produz qualificações tão boas, sem ter capacidade empresarial para acolher essas qualificações e para garantir condições de trabalho a essas pessoas. Se baixarmos os salários - e foi o que aconteceu nos últimos anos - os qualificados vão embora porque não aceitam entrar em mobilidade social descendente. É um problema de democracia económica, de reconhecimento do mérito. Há anúncios a procurar engenheiros a 600 euros. Não é possível pensar que se atrai pessoas de qualidade com uma política salarial deste tipo. Quando procuram a realização profissional, estes qualificados procuram um contexto favorável em que possam ter autonomia, possam realizar projetos, seguir um caminho da realização profissional.

**Ana Grácio Pinto**

**Mundo**  
Português

AMIGO N.º1 DO CONSELHO DAS  
COMUNIDADES PORTUGUESAS EM 1994

MEDALHA DE MÉRITO DAS  
COMUNIDADES PORTUGUESAS EM 2000

FUNDADORES  
Valentim Morais e  
Padre Vítor Melícias Lopes

ADMINISTRAÇÃO  
Carlos Morais  
carlos.morais@mundoportugues.org

DIRECTOR  
Maria da Conceição Granado de Almeida  
(TE 402)

REDACÇÃO  
Email: redacao@mundoportugues.org  
tel. (00351) 21 795 76 70

Chefe de Redacção

José Manuel Duarte (CP 3414)  
jose.duarte@mundoportugues.org

Redactores Principais

Ana Grácio Pinto (CP 2857)  
ana.pinto@mundoportugues.org

António Freitas (CP 1920)  
antonio.freitas@mundoportugues.org

Ana Rita Almeida (CP 6092)  
rita.almeida@mundoportugues.org

COLABORADORES E CORRESPONDENTES  
PORTUGAL  
Manuela Aguiar, Carlos Luís, Eduardo Moreira,  
Vasco Callixto, Manuel Pinto Coelho,  
Nélson Simas, Paulo Geraldo, Joaquim Vitorino,  
José António Barreiros

ESTRANGEIRO  
ÁFRICA DO SUL: Carlos Silva ALEMANHA: João  
Marques, Manuel Campos ARGENTINA: Martin Fabian d'Oliveira BÉLGICA: António  
Fernandes BRASIL: Ramos André, António  
Gomes da Costa, José António Marcelino,  
Linda Gonçalves, Dagmar Lourenço  
CANADÁ: Carlos Morgadinho ESPANHA: Luís  
Longueira ESTADOS UNIDOS: Adalino Cabral,  
Edmundo Macedo, Glória de Melo, José  
Martins, Nelson Tereso FRANÇA: Duarte  
Silva, António Cravo HOLANDA: José  
Camacho SUÍÇA: Manuel Beja, António  
Santos VENEZUELA: Rui Carloto INGLATERRA:  
Rogério Fragoso DINAMARCA: Susana Louro

Morada: Av. Elias Garcia, 57 - 7.º • 1049-017 Lisboa - Portugal  
Fax: (00351) 21 795 76 65

Assinaturas  
assinaturas@mundoportugues.pt

Paulo Ferreira (Coordenador)  
paulo.ferreira@mundoportugues.pt  
tel. (00351) 21 795 76 68

Tânia Diniz  
tania.diniz@mundoportugues.pt  
tel. (00351) 21 795 76 69

Publicidade  
publicidade@mundoportugues.pt  
Alípio Pereira (Coordenador)  
alipio.pereira@mundoportugues.pt  
tím. (00351) 91 983 77 76  
tel. (00351) 21 795 76 71

Departamento de Eventos  
sisab@sisab.pt  
Ana Lourenço (Coordenadora)  
alourenco@sisab.pt  
tím. (00351) 91 983 77 75  
tel. (00351) 21 795 76 73  
Nádia Duarte  
nduarte@sisab.pt  
tel. (00351) 21 795 76 74

Serviços Administrativos  
Graça Vieira graca.vieira@mundoportugues.pt tel. (00351) 21 795 76 66 / 7

Capital Social: 200.000 Euros  
SÓCIOS COM MAIS DE 5%  
DO CAPITAL NA EMPRESA:  
Carlos Manuel Cordeiro Baião Morais  
EDITOR E PROPRIETÁRIO

**Mundo**  
Português

MUNDO PORTUGUÊS  
Sociedade Jornalística S.A.  
Depósito Legal: 1971/83  
Registo: Ministério da Justiça/107468  
O Emigrante/Mundo Português: 107468

Estatuto Editorial:  
Ler em www.mundoportugues.pt

Associação Portuguesa de Imprensa

PORTO PAGO  
TIRAGEM  
No mês de OUTUBRO 28.000 ex.